

Revista Sombra: entre a modernidade e a frivolidade¹

Ana Luiza CERBINO²

Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a revista mensal *Sombra*, editada por Walther Quadros, entre 1940 e 1960, na cidade do Rio de Janeiro, utilizando para isso as edições de dezembro e janeiro de 1940/41, junho de 1943, abril de 1946 e novembro e dezembro de 1949. Dirigia-se à elite burguesa – que desejava se ver e ser vista nas páginas da revista, mostrando uma visão da realidade perpassada pelo luxo, glamour e elegância. Nesse período, determinadas publicações, como *Sombra*, tornaram-se o suporte ideal para a veiculação de uma nova imagem da cidade e do país, apresentando a construção de uma modernidade que começava a se instaurar. Busca-se assim dimensionar seu significado e importância em um cenário mais amplo do impresso no Brasil, apontando sua qualidade gráfica e como se inseriu no conjunto das chamadas publicações “frívolas”.

Palavras-chave: Revista *Sombra*; revistas “frívolas”; modernidade; imprensa.

A revista como lugar estratégico

Foi na Europa, ao longo do século XIX, que as revistas tornaram-se moda e também ditaram moda (MARTINS 2001, p. 40). Circunstâncias que se explicam pelo avanço técnico das gráficas europeias, pelo alto custo dos livros, e pelo fato de sintetizarem uma gama diferenciada de informações que sinalizavam as inovações provocadas também no mercado editorial pela Revolução Industrial. Ao mesmo tempo, a crescente melhoria de condições de vida nos grandes centros urbanos tornou o cidadão médio um leitor potencial.

A revista colocava-se entre o jornal e o livro, já que “seu custo baixo, configuração leve, de poucas folhas, leitura entremeada de imagens, distinguia-a do livro, objeto sacralizado, de aquisição dispendiosa e ao alcance de poucos” (MARTINS, 2001, p. 40). Tais características, aliadas a um olhar sobre as variedades do mundo e suas diferentes audiências acabaram por consolidar e demarcar uma forma própria para falar sobre a sociedade e com ela se relacionar. (TAVARES, SCHWAAB, 2013, p.29).

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação, professora do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Estácio de Sá/Rio de Janeiro, e-mail: alcerbino@gmail.com

No Brasil, as revistas desembarcaram com a corte portuguesa no século XIX, e Salvador, na Bahia, foi a primeira cidade a ter, em 1812, uma publicação desse tipo, chamada *As variedades ou Ensaios de Literatura* (SCALZO, 2008, p. 12). A revista tinha como programa “defender os costumes, as virtudes morais e sociais”, publicando “extratos de romance, resumos de viagens, trechos de autores clássicos”, algumas anedotas, conselhos domésticos, informações sobre navegação, instrução militar, política e ciências. (MIRA, 2013, p. 14)

Já na segunda metade do século XIX surgiram variadas publicações que utilizavam técnicas de litografia, xilogravura ou zincografia. Um exemplo importante foi a *Semana Ilustrada*, criada pelo artista plástico e gráfico alemão Henrique Fleiuss (1824-1882), que circulou de 1860 a 1876, na cidade do Rio de Janeiro, e estabeleceu novos parâmetros gráficos para a imprensa nacional ilustrada. Foi a primeira revista de variedades a circular regularmente no Brasil, tendo ampla aceitação do público leitor, além de ter sido responsável pelas primeiras fotografias impressas em território nacional, com cenas de batalha da Guerra do Paraguai (BAPTISTA; ABREU, 2012, p. 4). Publicava poesias, crônicas, contos e pelas páginas da revista passaram os mais conhecidos escritores e jornalistas da época: Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, entre outros (SODRÉ, 1966, p. 236).

Em 1876, mesmo ano em que desapareceu a revista de Fleiuss, surgiu na capital do Império a *Revista Ilustrada*, de Angelo Agostini (1843-1910), que já havia colaborado com outros periódicos, como *Diabo Coxo* (1864) e *O Cabrião* (1866), quando residiu na cidade de São Paulo. Extremamente popular era distribuída em todas as províncias e principais cidades do interior, alcançando até as fazendas. Sua tiragem chegou a atingir 4.000 exemplares, número até então inédito para qualquer publicação na América do Sul (ibidem, p. 249). Periódico independente, não aceitava patrocínios ou anunciantes, sobrevivendo das assinaturas e de serviços de litografia que prestava para outras publicações. Fez campanha em prol da Abolição e da República, tornando-se um importante documento desse período da história do país (ibidem, p. 250). A *Revista Ilustrada* deixou de circular em 1891, mas enquanto foi editada suas caricaturas e charges exerceram grande influência numa sociedade de baixo índice de alfabetização, desempenhando um relevante papel na formação da opinião pública.

Para além das revistas de variedades, outro tipo de publicação que se destacou no final do século XIX foi a chamada revista “galante”. Voltada para o leitor masculino

mesclava temas como política, piadas, caricaturas, desenhos, contos e fotos eróticas, sendo *O Rio Nu*, editada no Rio de Janeiro, de 1898 até 1916, a pioneira e a mais popular (BAPTISTA; ABREU, 2012, p. 3). Seu sucesso era tanto que duas edições eram lançadas semanalmente, contendo a reprodução de cartões postais eróticos de mulheres seminuas. (LEITE JÚNIOR, 2006, p. 71)

A estruturação e profissionalização do mercado editorial ocorreram apenas na virada do século XIX para o XX quando houve a modernização das técnicas gráficas que incidiu, consequentemente, em um aumento na tiragem dos periódicos, graças a impressoras mais ágeis, levando, de modo geral, ao aumento de títulos e de tiragens dessas publicações. Com isso, das gráficas artesanais do Império passou-se a uma imprensa, na República, com porte de indústria (CARDOSO, 2009, p.41). Ou seja, máquinas modernas de composição mecânica, clichês em zinco e rotativas cada vez mais velozes alteraram o processo de compor e reproduzir textos e imagens, proporcionando uma alta qualidade ao produto impresso.

Há que se ressaltar que o Rio de Janeiro vivenciava um processo de transformações profundas acarretadas pela Abolição e pela transição da Monarquia para a República, estabelecendo uma ânsia pela “modernidade” nos moldes europeus, que atingia não só os aspectos físicos da cidade, mas também as mentalidades de parte da sociedade carioca. Esse período possibilitou uma reconfiguração no universo das revistas, isto é, as publicações não estavam mais a serviço exclusivo de literatos que se valiam desse espaço para se legitimar. Tal mudança fez surgir revistas idealizadas por homens de negócios e voltadas para públicos já delineados, como as donas de casa e as jovens em idade de casar, por exemplo. (MARTINS, 2001, p. 144)

A *Revista da Semana* se insere nesse período. Criada em 1900, por Álvaro de Teffé, e editada até 1959, aproveitou o caminho já trilhado pela *Semana Ilustrada* e *Revista da Semana*. Tornou-se rapidamente um grande sucesso e o novo modelo a ser copiado, além de apresentar um resumo dos acontecimentos da semana, dando ênfase aos crimes ocorridos na cidade, reconstituídos em estúdio fotográfico, além de ter em suas páginas crítica literária, crônicas, poesias e contos (MIRA, 2013, p. 22). Colaboravam com a publicação Raul Pederneiras (1874-1953), J. Carlos (1884-1950), Luís Peixoto (1889-1973), Paulo Barreto (1881-1921), entre muitos outros. A revista disputava com *O Malho* (1902), *Kosmos* (1904), *Fon-Fon!* (1907) e *Careta* (1908), as preferências do público da época. (SODRÉ, 1966, p. 344)

Esses periódicos tornaram-se lugares estratégicos da articulação sócio-cultural da cidade, nos quais redes de sociabilidade foram criadas e novas formas de expressão e de linguagens estabelecidas. Contribuíram, assim, para a elaboração da moderna sensibilidade nacional, ora dividindo e emitindo opiniões com os leitores, ora fornecendo dicas e conselhos, mas em ambos os movimentos, construindo uma relação de proximidade e convivência.

Já na década de 1920 um importante veículo surgiu transformando-se em fenômeno de vendagem: *O Cruzeiro*, lançado em 1928, pelos Diários Associados, empresa pertencente a Assis Chateaubriand (1892-1968). Circulava entre todas as classes sociais, tendo um público fiel formado por homens e mulheres, idosos e adolescentes moradores das grandes ou pequenas cidades do país, tornando-se a grande revista não só de circulação nacional, mas também da “família brasileira”, alcançando na década de 1950 a marca de 700 mil exemplares por semana. (BAPTISTA; ABREU, 2012, p. 5)

Dez anos depois, em 1938, no Rio de Janeiro, surgiu a revista *Diretrizes*, iniciativa de Azevedo Amaral (1881-1942) e Samuel Wainer (1910-1980). Grandes matérias eram o foco da publicação, como a antológica reportagem de Joel Silveira (1918-2007), de 1943, “Grã-finos em São Paulo”, um retrato debochado e cruel das “Fifi’s, Lelé’s e Mimi’s” que “faziam coisas inúteis, como comprar a revista *Sombra*, tomar chá na livraria Jaraguá, jantar na Papote e falar das amigas”.

A partir dessa matéria, *Sombra* ficou marcada como uma revista elitista e frívola. Mas ela não deve ser resumida somente a esse aspecto. Para além de seu conteúdo, é preciso levar em consideração valores e comportamentos encontrados nas suas páginas, além das especificidades do seu projeto gráfico, quando uma determinada ideia de modernidade começava a se instaurar na cidade.

Revista *Sombra*: características, colaboradores e temas

Editada mensalmente na cidade do Rio de Janeiro, entre dezembro de 1940 e junho 1960, *Sombra* teve Walther Quadros como único diretor responsável. Nos três primeiros anos, Aloysio de Salles (1912 -?) foi o redator chefe, sendo depois substituído por Lucio Rangel (1914-1979), e Jean Manzon (1915-1990) aparece, nos primeiros números, como Fotógrafo chefe. Os chefes de redação foram José Conde (1917-1971), em 1941, Edwina Barboza-Carneiro, em 1942 e Octávio Thyrsos, em 1945. A publicidade estava a cargo de Jean de Beausacq, e Jorge de Castro era o secretário da publicação.

No expediente não há dados relativos à tiragem, número de assinantes e tampouco há informações sobre o responsável pela diagramação ou projeto gráfico, mesmo porque, naquele momento, a figura do designer como a conhecemos hoje, ainda não existia. A redação funcionou, inicialmente, na Rua Alcindo Guanabara, 26, 3º andar, sendo depois transferida para a Rua México, 98, 4º andar, tendo agentes em São Paulo e correspondentes em Paris, Buenos Aires e Nova Iorque.

Sua linha editorial privilegiava os acontecimentos sociais da cidade do Rio de Janeiro e de São Paulo, em que diversos articulistas apresentavam o que deveria ser consumido, desde espetáculos até roupas e jóias. Era uma vitrine do *high life*, com páginas cheias de personalidades nacionais e internacionais, cristalizando imagens de parte da sociedade que se idealizou e se fez distinguir nas suas páginas.

O editorial de estréia foi assinado pelo poeta Augusto Frederico Schmidt (1906-1965), que afirmava: “Essa publicação vai fixar o lado elegante e civilizado do Brasil”. Segundo o escritor, o título significava “liberação, o consolo e a recompensa do esforço de viver. A sombra é o que há de permanente, de verdadeiro e de antigo, entre tantas cousas verdes e ephemeras”. Schmidt destacou o “espírito da Sombra”, pois a revista pretendia ser “uma expressão” do que não seria recente, do que não seria por demais “nítido” na vida brasileira. O poeta construía assim uma explicação para um nome que a princípio poderia causar estranheza, mas que se justificava pela sua linha editorial.

O primeiro número da revista, de dezembro de 1940/janeiro de 1941, foi um especial de Natal. Nele, Saul Steinberg (1914-1999) foi um dos destaques, pois além da capa, apresentou dez cartuns distribuídos ao longo das 134 páginas da revista. A ilustração da capa cria um diálogo com o nome da revista, em verde, pois mostra um perfil em destaque, tomando um sorvete; ao fundo, em uma paisagem ensolarada, vemos um homem deitado no chão debaixo de uma grande sombra formada por vários guarda-sóis. O desenho é quase totalmente preto e branco, com poucos detalhes coloridos, evidenciando a opção da revista pelas tendências gráficas mundiais do momento. (Figura 1)



Figura 1: Capa e cartun de Saul Steinberg. *Sombra*, n.1, p. 48-49.

É também neste primeiro número que o fotógrafo Jean Manzon (1915-1990) colabora com a revista, antes de iniciar sua carreira em *O Cruzeiro*. A foto de Getúlio Vargas, um grande close com um binóculo observando as manobras no vale do Rio Paraíba, demonstra a inovação instaurada pelo francês no fotojornalismo brasileiro, como novos enquadramentos, closes extremos e ângulos inusitados. Na página ao lado um texto afirmava que “a despeito da situação convulsionada do mundo, dominado pela nevrose da guerra, ingressamos numa era de promissora tranqüilidade interna e de trabalho constructivo, que nos permite encarar o futuro com sadio optimismo”. (Figura 2)

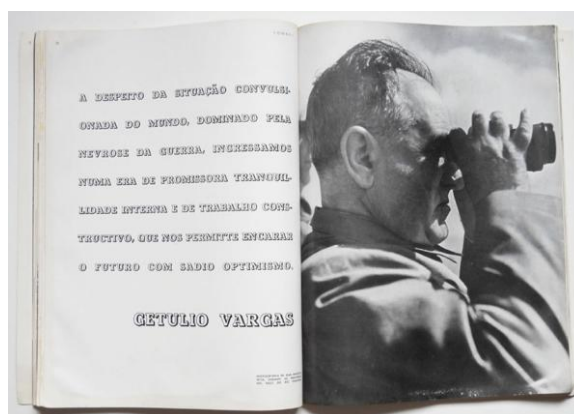


Figura 2: Foto de Vargas durante manobras no rio Paraíba. *Sombra*, n.1, p. 58-59.

Seu quadro de colaboradores contava com nomes de peso da literatura, das artes visuais e da fotografia, como Antônio Callado (1917-1997), Athos Bulcão (1918-2008), Carlos Moskovics (1916-1988), Cecília Meireles (1901-1964), Di Cavalcanti (1897-1976), Enrico Bianco (1918-2013), Fayga Ostrower (1920-2001), Jean Manzon (1915-1990), Lászlo Meitner (1900-1968), Mário de Andrade (1893-1945), Saul Steinberg (1914-1999),

Sergio Porto (1923-1968), Stefan Zweig (1891-1942), Vinicius de Moraes (1913-1980), entre muitos outros, exibindo um refinamento visual no uso da imagem e do texto impresso.

A revista atravessou o período do Estado Novo (1937-1945), época em que mudanças políticas e sociais foram instauradas e ganharam uma nova dimensão. O apoio ao Estado Novo podia ser visto nas matérias sobre Getúlio Vargas (1882-1954) e a elite do governo, como ministros e secretários que frequentemente apareciam nas páginas de *Sombra*. Apesar do cerco à imprensa ter sido violento, a revista, aparentemente, não sofreu nenhum tipo de censura, pois se mostrou sensível às necessidades e demandas do poder.

Construir uma imagem de país moderno, além de elaborar uma identidade nacional pautada na cultura popular, mas intermediada pela chamada cultura erudita, foram tarefas que o governo de Vargas impôs. Nesse período, as chamadas revistas mundanas ou frívolas tornaram-se o suporte ideal para a veiculação dessa nova imagem, além de apresentar as conquistas técnicas com as quais a imprensa como um todo se defrontava naquele momento.

Ao mesmo tempo, o domínio dos meios de comunicação era essencial para cercear a divulgação do que não era do interesse do Estado, construindo uma nova relação entre imprensa e poder. Enfatizavam-se as realizações do regime e sua adequação à realidade nacional, além de promover a figura pessoal e política de Vargas. Por conta da censura à imprensa, o Estado ganhava, cada vez mais, espaços de divulgação – fosse por coerção, fosse por alinhamento político –, mas o público, de modo geral, foi afastado dos periódicos. Sua fala foi silenciada dos periódicos, enquanto a fala do Estado foi ampliada (BARBOSA, 2007, p. 108).

Mas em algumas revistas a voz do público aparece em meio à atmosfera de luxo e fantasia, tomando lugar da realidade política, como em *Sombra*, em que o glamour se sobrepôs à realidade. É possível dizer que o conteúdo encontrado nas suas páginas foi criado a partir de uma reivindicação do seu próprio público leitor, pois ele buscou na ilusão e nas personalidades retratadas a expressão de seu rosto silenciado. Ao se encontrar afastado do fato político, mostrou sua face nesses periódicos que enfocavam o entretenimento, buscando assim outras possibilidades para vivenciar seu cotidiano.

Ainda neste primeiro número é possível visualizar este aspecto na reportagem fotográfica de Jean Manzon intitulada “Week-end com MMe. Victor Lage”. Os personagens fazem parte de um seleto grupo da alta sociedade, próximos da figura do presidente, sua esposa e filha, ou do diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda,

Lourival Fontes (1899-1967) e sua esposa, a escritora Adalgisa Nery (1905-1980). (Figura 3)

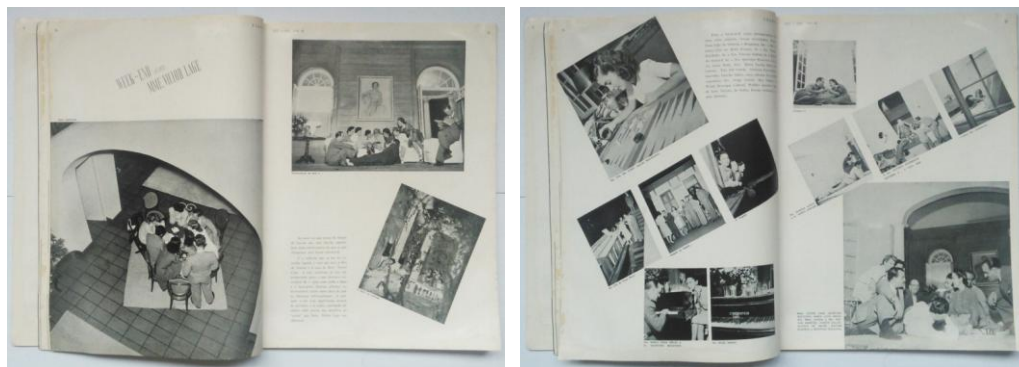


Figura 3: Matéria “Week-end com MMe. Victor Lage. *Sombra*, n.1, p. 34-37.

Chama atenção como as imagens de Manzon conduzem o olhar por um passeio na casa “onde o luxo e o bom gosto fizeram aliança”, isto é, as fotografias traduzem visualmente o que o texto apresenta: elegância não só do lugar e dos convidados, mas também em como estes são apresentados ao leitor. A casa, situada na Ilha do Vianna, em Niterói/RJ, é mostrada em ângulos diferenciados, com enquadramentos e uma diagramação que corroboram essa percepção.

Interessa aqui também apontar que a influência norteamericana já era perceptível, rivalizando com palavras em francês para os termos usados nos textos, entre títulos e legendas, como “Jogos, *lunch*, leituras e shows”, na edição n. 19, ano 3, junho de 1943, ou na matéria “*Cock-tail party* na Gávea”, na edição n. 68, ano 7, julho de 1947, entre outros exemplos.

Nessa mesma edição, vale também destacar os ensaios fotográficos de Peter Scheier (1908-1979). O primeiro, chamado “Rio, photographia”, apresenta uma paisagem arquitetônica, mostrando uma “ideia de cidade”, em que modernidade e classicismo criam um embate visual de planos diferenciados. Nas páginas subsequentes, o fotógrafo mostra como percebe e compreende o Rio, em um de seus principais espaços – a praia –, com o ensaio intitulado “Primeiros silêncios, photographias”. Para construir seu olhar faz uso do arrojo das construções modernas, assim como da aparente leveza das condições da vida urbana. Para tal, utiliza a fotografia como meio plástico para pensar e representar o espaço. (Figura 4)



Figura 4 – Foto do centro do Rio de Janeiro, p. 55/ Fotos da praia de Copacabana, p. 90-91.

Sombra utilizou como referência visual o trabalho que o artista gráfico russo Alexey Brodovitch (1898-1971) realizava como diretor de arte para a revista *Harper's Bazaar*, de Nova Iorque. O trabalho de Brodovitch caracteriza-se por buscar equilíbrio com o uso de espaços em branco e uma visualidade simples, porém sofisticada, especificidades do estilo funcionalista que o designer introduziu no mercado editorial norte-americano. A diagramação da página apoiava-se em três elementos: fotografia, texto e áreas vazias que, ao interagir entre si, apresentavam um ritmo no fluxo entre imagem, texto e espaço. Cortes, ampliações e justaposições de imagens criavam um contraste nas páginas, estabelecendo uma dinâmica visual e gráfica únicas ao longo da revista como um todo. (MEGGS, 2009, p. 440)

De maneira similar, *Sombra* apresentava uma ideia de modernidade a partir de uma estrutura espacial que fazia uso de espaços positivos e negativos, de fotografias diferenciadas e de um texto que se coadunava às imagens. Comunicava seu entendimento de modernidade também a partir de como o leitor deveria pensar e sentir, situando-o na “correnteza viva dos acontecimentos da vida mental da metrópole”. (VELLOSO, 2006, p. 226)

As características materiais da revista a distinguiam das demais da época, revelando uma preocupação com a excelência necessária para o produto, por isso utilizava o papel couché tanto para o miolo quanto para a capa, com um formato de 26,0 X 33, 5 cm. A policromia era usada na capa e contracapa, mas o miolo era todo impresso em preto e branco. Sua impressão em off-set garantia fidelidade e qualidade das imagens. Tais características estabeleciam uma associação direta com seu público que percebia ali um produto de qualidade, seguindo o padrão das publicações internacionais da época.

A edição de número 19, de junho de 1943, teve a capa desenvolvida pelo artista português Eduardo Anahory (1917-1985). Nela, o pintor repete nome do periódico quatro

vezes, três em cores básicas (magenta, amarelo e cyan) e uma em degradê do amarelo para o verde. No centro há uma imagem que se relaciona ao universo do entretenimento (jogo e dança), lembrando uma mesa de cassino com cartas espalhadas pela toalha, fazendo referência ao tema da edição: o jogo, até então permitido em território nacional. (Figura 5)

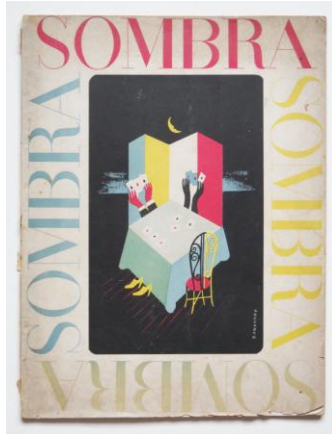


Figura 5 – Capa revista Sombra n. 19, junho de 1943.

Nos títulos e no corpo do texto outras tipografias são utilizadas, como a Times New Roman, na matéria de Rubem Navarra (1917-1955). A manuscrita usada no título “Ballet” cria um contraste com a ilustração de Athos Bulcão. Outras fontes misturam-se a Times, como na coluna da página 44, que tem como título a palavra “disseram”, em caixa baixa, com uma manuscrita pincelada. A diagramação em pequenos parágrafos justificados e alternados transmite o dinamismo adequado para as notícias que fazem parte da coluna. Ao lado, a ilustração de Anahory ajuda a criar a atmosfera de colonismo social, estabelecendo uma leitura contínua e única para as duas páginas. (Figura 6)



Figura 6 – Sombra, n. 19, junho de 1943, p. 28-29/44-45.

Uma figura mitológica, com elementos que representam as artes – teatro, artes plásticas, música, aparece na capa de 30 de abril de 1946, número 53. Desenvolvida pelo artista Laszlo Meitner (1900-1968), a ilustração dá pistas do que tratará a edição: uma

apresentação do que aconteceria, ou que já tivesse ocorrido, de mais interessante e elegante na cidade no universo do entretenimento e da cultura. Toda a edição dedica-se a fazer um retrospecto das temporadas anteriores, além de comentar a temporada daquele ano. (Figura 7)

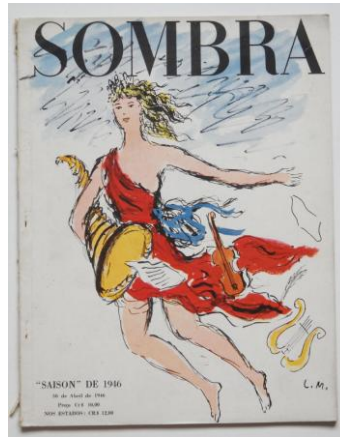


Figura 7 – Capa revista *Sombra*, n. 53, abril de 1946.

As matérias começavam com o título “A *saison* e a ...”, como a dedicada ao teatro, que mostra o trabalho realizado pelo pintor e ilustrador Santa Rosa (1909-1956) para a peça “O Inspetor”.. Não há um texto apresentando a peça ou mesmo a companhia que realizará a montagem, somente legendas explicativas sobre a criação de Santa Rosa, ao contrário da matéria sobre música. Nela, a música em questão é a erudita, com ênfase na temporada que o Theatro Municipal irá apresentar. Nomes como o do regente húngaro Eugene Ormandy (1899-1985), ou do maestro francês Charles Munch (1891-1968) entre outros são citados para a *saison* de 1946. (Figura 8)



Figura 8 – *Sombra*, n. 53, abril de 1946, p.40-41/44-45.

Para a edição comemorativa de dez anos da revista, de novembro/dezembro de 1949, número 96, a criação da capa coube ao artista plástico Laszlo Meitner. Meitner desenvolveu uma ilustração na qual usa o título da revista como parte da estrutura do texto, criando uma

ilustração tipográfica ao mesmo tempo inusitada, arrojada e elegante, pois o uso de uma letra manuscrita ajuda seu entendimento. (Figura 9)

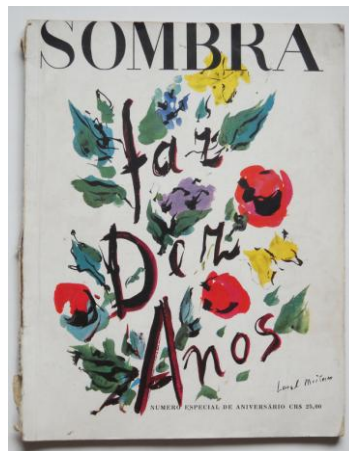


Figura 9 – *Sombra*, n. 96, novembro/dezembro de 1949.

As seis primeiras páginas apresentam fotos e nomes dos seus principais colaboradores desses anos, além de um texto do escritor Luis Jardim (1901- 1987). Sob o título “‘Sombra’ faz dez anos”, Jardim descreve o surgimento da revista e como esta foi recebida pelos leitores, inclusive ele. No seu entender encontrava-se ali um periódico de “bom gosto gráfico, com boas tricromias, equilíbrio nas páginas, além de boas ilustrações”, mas seu sucesso era questionado, isto é, o autor não percebia ali um produto que pudesse ter uma vida longa, apesar da qualidade visual. Êxito que pôde ser comprovado, dez anos depois, com a edição comemorativa, que apresentava, mais uma vez, o que de mais *chic* acontecia nos salões cariocas e paulistas.

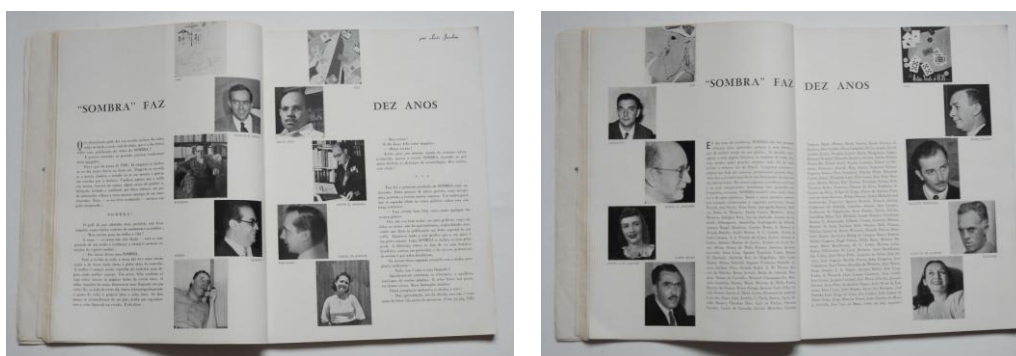


Figura 10 – *Sombra*, n. 96, novembro/dezembro de 1949, p. 32-33/34-35.

Considerações finais

Ao elencar como parâmetro de modernidade uma linguagem gráfica apoiada no entrelaçamento de espaços em branco, fotografias com poses e cortes inusitados, além de

um texto enxuto a revista apostava não só em sua internacionalização, mas também na da cidade e do país. Simultaneamente, objetivava-se a disseminação de uma “nova visão de mundo”, em que os periódicos assumiram, naquele momento, papel-chave.

Há que se pensá-la também a partir das articulações engendradas com o projeto de modernidade impresso, percebendo ali uma linguagem específica do moderno já que, no momento em que foi lançada, esse sentido associava-se, por um lado, às conquistas tecnológicas e ao processo urbano-industrial e, por outro, à construção de um “modo de ser nacional”. É possível afirmar que com *Sombra*, a sociedade carioca passa a conhecer um pouco do modernismo na arquitetura, na decoração, na música e na poesia a partir de suas seções e colunas. E se as revistas ilustradas do início do século XX ajudaram a elaborar uma imagem civilizada e européia do Rio de Janeiro, a partir da década de 1940, a revista construía a idéia de uma cidade idealizada via Hollywood, o novo padrão estético e irradiante de *glamour*.

É interessante apontar que as ruas da cidade pouco aparecem retratadas, pois os locais de sociabilidade eram outros. Não se tratava mais de instruir a sociedade para novos códigos de comportamento, como acontecia nos periódicos do início do século XX, mas de estabelecer os lugares apropriados para isso. Locais privados e exclusivos, como inicialmente os cassinos e depois os *nightclubs*, os bailes e as festas, o *Jockey Club*, em que somente uma pequena parcela da sociedade tinha acesso. E nesse movimento surge um colonismo social que deixa de lado o simples registro de nomes e passa a veicular notas com conteúdo mais crítico.

Nas capas das edições apresentadas a ilustração está presente em todas. No balanço realizado percebe-se que o fato dos criadores serem artistas vinculados à pintura e ao desenho foi determinante, pois cada capa foi concebida para se associar diretamente ao que era tratado na edição. Além disso, havia um trânsito entre o periódico e os artistas, que emprestavam suas assinaturas para o produto, indicando que a associação entre ambos era proveitosa: tanto para o periódico, que conquistava prestígio cultural, quanto para o artista, que adquiria um espaço e maior visibilidade na dinâmica social.

Outro importante aspecto refere-se a quem as produzia e as consumia, já que também atuavam “como modelo a ser copiado e a ser seguido” pelos demais atores sociais. A revista pretendia não só apresentar um estilo de vida, mas também “educar” gostos musicais e literários, que espetáculos assistir, o que vestir e como usar, aonde ir e que locais

freqüentar. A intenção era criar e ditar modas, cristalizando imagens de uma burguesia que se idealizou e se fez distinguir nas páginas desse periódico.

Referências

A Revista no Brasil. São Paulo: Editora Abril, 2000.

BAPTISTA, Iria Catarina Queiroz; ABREU, Karen Cristina Kraemer. **A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial.** Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf>. Acesso em 18/03/2014

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

BUENO, Daniel. “Saul Steinberg e o Brasil: sua passagem pelo país, publicações e influência sobre artistas brasileiros”. In: **Revista de História da Arte e Arqueologia**, n. 10, jul-dez. 2009. Programa de Pós-Graduação do Departamentos de História/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UNICAMP. p. 117-148.

CADENA, Nelson Varón. *A luz da revista Sombra.* Disponível em < <http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/96.html> > Acesso em 24/04/2011.

CAMARGO, Mário de (org.). **Gráfica: arte e indústria no Brasil – 180 anos de História.** São Paulo: Gráfica Bandeirantes, 2003.

CARDOSO, Rafael. **Impresso no Brasil (1808-1930).** Destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Verso Brasil editora, 2009.

CERBINO, Ana Luiza. “A modernidade gráfica da revista *Sombra*”. In: **Linguagens Gráficas – Revista interdisciplinar de comunicação visual da Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ**, Rio de Janeiro, n. 1, v. 1, junho de 2014, p.5-15.

_____. “Publicidade e consumo nas páginas da revista *Sombra*”. In: **Anais do XIX Intercom Sudeste – UVV/Universidade Vila Velha**, 22 a 24 de maio de 2014.

_____. “Memória e modernidade gráfica na revista *Sombra*”. In: **Anais do 9º Encontro Nacional de História da Mídia – Rede Alcar – UFOP/MG** - 30/05 a 01/06, 2013.

LEITE JÚNIOR, Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento.** São Paulo: Annablume, 2006.

LUSTOSA, Isabel (org.). **Imprensa, história e literatura.** Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

MARINGONI, Gilberto. **Angelo Agostini: a imprensa ilustrada da Corte à Capital federal, 1864-1910.** São Paulo: Devir, 2011.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Imprensa e cidade.** São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista:** Imprensa e práticas culturais em tempos de República. São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MAUAD, Ana Maria. “Flagrantes e instantâneo: fotografia de imprensa e o jeito carioca de ser carioca na belle époque”. In: LOPES, Antonio Herculano (org.). **Entre Europa e África:** a invenção do carioca. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, Topbooks, 2000. p.267-288.

MEGGS, Philip B. **História do design gráfico.** São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MELLO, Chico Homem de, RAMOS, Elaine (orgs.). **Linha do tempo do design gráfico no Brasil.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas:** a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho D’água/Fapesp, 2013.

NEVES, Maria Bastos P.; et al.. **História e Imprensa:** representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

OLIVEIRA, Claudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta; LINS, Vera. **O moderno em revistas:** representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** São Paulo: Contexto, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

TAVARES, Frederico de Mello B., SCHWAAB, reges (orgs). **A revista e seu jornalismo.** Porto Alegre: Penso, 2013.

VELLOSO, Mônica Pimenta. “Sensibilidades modernas: as revistas literárias e de humor no Rio da Primeira República”. In: LUSTOSA, Isabel (org.). **Imprensa, história e literatura.** Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 211-230.

_____. “Percepções do moderno: as revistas do Rio de Janeiro”. In: NEVES, Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C.. **História e Imprensa:** representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006. p. 312-331.

_____. “As modernas sensibilidades brasileiras”. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En ligne], Débats, mis en ligne de 28janvier 2006. Disponível em [HTTP://nuevomundo.revues.org/1500;DOI:10.4000/nuevomundo.1500](http://nuevomundo.revues.org/1500;DOI:10.4000/nuevomundo.1500). Acesso em 01/07/2014.